

# PERCEPÇÕES PATERNAS NO ACOMPANHAMENTO DO PRÉ-NATAL

## PARENTAL PERCEPTIONS IN THE PRE-CHRISTMAS FOLLOW-UP

Luciana Oliveira Balica<sup>a\*</sup>, Ricardo Saraiva Aguiar<sup>b\*</sup>

luciana.ob2014@gmail.com<sup>a</sup>, ricardo.aguiar@docente.unip.br<sup>b</sup>  
Universidade Paulista, Campus Brasília-DF<sup>c</sup>

Data de Submissão: 03/03/2019

Data de Aceite: 21/10/2019

### RESUMO

**Introdução:** O período gestacional compreende transformações no corpo e no cotidiano da mulher. É o momento de buscar atendimento especializado para o pré-natal e se preparar para o parto. Esse atendimento deve ser confiável, para que a gravidez se desenvolva de forma tranquila. Nessa fase também é fundamental que a gestante conte com pleno apoio familiar, principalmente do pai da criança. **Objetivo:** abordar a percepção dos pais sobre os possíveis benefícios proporcionados por sua presença ao pré-natal. **Materiais e Métodos:** trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com busca de artigos na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). Os critérios de inclusão contemplaram publicações lançadas entre 2010 e 2017 e em língua portuguesa. **Resultados:** foram selecionados 20 artigos e sobre eles foi feita uma leitura exploratória, seguida de outra mais aprofundada com o objetivo de selecionar as informações pertinentes à pesquisa. O esforço ocasionou a elaboração de três categorias de análise: o ser homem diante da gestação da parceira; percepções sobre a participação paterna no pré-natal; e enfermagem, políticas públicas de saúde masculina e paternidade. **Conclusões:** a gestação constitui o momento no qual a construção da ideia de pai se inicia para o homem. Nisto, a participação paterna junto ao pré-natal é essencial para a boa compreensão de tal papel, bem como para avaliar a saúde em razão de doenças passíveis de detecção com a realização de exames. Entretanto, fatores culturais e profissionais tendem a afastar o homem do pré-natal.

**Palavras-chave:** Cuidado pré-natal; paternidade; saúde do homem; enfermagem

### ABSTRACT

**Introduction:** The gestational period comprises transformations in the body and in the daily life of the woman. It's time to get specialized prenatal care and prepare for childbirth. This care must be reliable, so that the pregnancy develops in a quiet way. At this stage it is also essential for the pregnant woman to have full family support, especially from the child's father. **Objective:** to approach the perception of the parents about the possible benefits of their presence to prenatal care. **Materials and Methods:** this is an integrative review of the literature, with search of articles in the Virtual Health Library (VHL). The inclusion criteria included publications published between 2010 and 2017 and in Portuguese. **Results:** 20 articles were selected and an exploratory reading was made, followed by a more in-depth reading with the purpose of selecting the information pertinent to the research. The effort led to the elaboration of three categories of analysis: being a man before the gestation of the partner; perceptions about parental participation in prenatal care; and nursing, public health policies for men and paternity. **Conclusions:** gestation is the moment in which the construction of the idea of father starts for the man. In this, parental involvement with prenatal care is essential for a good understanding of this role, as well as for assessing health due to diseases that can be detected by examinations. However, cultural and professional factors tend to alienate men from prenatal care.

**Keywords:** Prenatal care; paternity; men's health; nursing

## Introdução

O período gestacional compreende transformações no corpo e no cotidiano da mulher. É o momento de buscar atendimento especializado para o pré-natal e se preparar para o parto. Esse atendimento deve ser confiável, para que a gravidez se desenvolva de forma tranquila. Nessa fase também é fundamental que a gestante conte com pleno apoio familiar, principalmente do pai da criança<sup>1</sup>.

Geralmente, o foco do pré-natal é a gestante/mulher, mas os serviços de saúde buscam cada vez mais contar com a presença do homem/pai durante as consultas e palestras. O desejo de parentalidade também é característico do homem. Contudo, culturalmente, a paternidade só se inicia com o nascimento. Por isso, os estudos sobre o papel do pai na gestação são poucos, fazendo com que a sua presença pareça não ter a devida importância<sup>2</sup>.

Assim como a mulher precisa se preparar e se adaptar para gestar e depois cuidar do filho, o homem também precisa passar pelo mesmo processo. O futuro pai se volta para a análise dos modelos parentais que deseja ou não para si e relembra como foram os dias de sua infância. O pai não transmite ao filho apenas o gene e o sobrenome, mas também suas vivências e experiências culturais e aborda a gestação da companheira conforme esses princípios, independente se a paternidade ocorre na adolescência ou em idade mais madura<sup>3</sup>.

Diante disso, os serviços de saúde acharam por bem incluir o pai na realização do pré-natal. O Ministério da Saúde incluiu-o oficialmente no pré-natal, no contexto da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH), por meio da Portaria GM/MS n. 1.944, de 27 de agosto de 2009. Dessa forma, o homem não é apenas um coadjuvante no pré-natal, mas alguém que está também cuidando da sua saúde física e emocional, junto com a parceira<sup>4</sup>.

As preocupações com a sua presença durante a gravidez e criação dos filhos começaram a se destacar na década de 1980, como forma de reconhecer a relevância da relação pai e filho na construção do sentimento de paternidade. Contudo, os estudos sobre esse tema ainda são escassos, principalmente no Brasil, onde a cultura

machista geralmente afastou o pai do percurso gestacional, contribuindo, muitas vezes, para o distanciamento do casal e dificuldades na formação de vínculos com a prole.

A ausência do pai no pré-natal, parto e puerpério também resulta de políticas de saúde que privilegiam o atendimento apenas para aquela que é diretamente a usuária, nesse caso, a gestante. A política de integralidade, pelo SUS, é que, aos poucos, promove avanços nessa situação, trazendo o pai para o contexto gestacional, de forma que possa vivenciar a chegada do filho e também compreender o que acontece com a sua companheira. O homem está sendo inserido num espaço de compreensão de si e do outro<sup>6</sup>.

Os estudos já realizados sobre a presença do pai na gestação, parto e puerpério apontam que este pode apoiar a companheira de diversas formas. Pode acompanhá-la nas consultas e exames; elogiar, mostrando sua percepção, as modificações no seu corpo; conversar mais com ela, sendo compreensivo e prestativo; ajudá-la com as tarefas domésticas, principalmente se ela trabalhar fora ou o casal já tiver outros filhos. O contato do pai com os exames, como as ecografias, ajuda na materialização da presença do novo filho, iniciando o vínculo emocional ainda na gestação<sup>7</sup>.

A presença paterna também pode dinamizar as consultas de pré-natal, tidas como rotineiras, burocráticas, meramente informativas e pouco participativas. Assim, é fundamental que a enfermagem desenvolva ações que permitam a participação efetiva do homem, para que exerça paternidade mais responsável e para ajudar a sua companheira durante essa fase. O pré-natal deve ser o momento em que tanto a mulher, quanto o homem, devem ser ouvidos em suas necessidades<sup>7</sup>.

Contar com o parceiro no pré-natal proporciona suporte para que a parceira tenha mais facilidade no parto e também melhores condições para o neonato. O Ministério da Saúde propõe que no acompanhamento do pré-natal esteja não só o homem, mas também parceiros do mesmo sexo, para discutirem as questões da paternidade com os serviços de saúde, estabelecerem uma linha de cuidados para a gestante e também para os pais. Assim, o SUS procura garantir a integralidade e a humanização do atendimento no pré-natal no Brasil<sup>8,4</sup>.

O pré-natal é uma ocasião importante para a gestante, pois além do acompanhamento de sua saúde e da do bebê, também é a fase de sanar dúvidas, realizar os exames necessários e se preparar para o parto. É muito importante para a gestante contar com o apoio familiar, principalmente do seu parceiro, o pai da criança.

Todavia, notadamente por razões culturais, o homem, de uma forma geral, acredita que a sua presença nas consultas de pré-natal trará desconforto para as mulheres presentes e para si mesmo. No entanto, essa presença aumenta seus conhecimentos sobre a gestação, o parto e o puerpério, de modo que possa auxiliar a sua companheira de forma mais efetiva.

A maioria das pesquisas sobre o tema aborda a relevância da presença paterna no pré-natal pelo ângulo da percepção da gestante ou da equipe de enfermagem. Dessa forma, considera-se que é relevante realizar uma abordagem pelo ponto de vista do próprio pai, para conhecer suas percepções e discutir sobre as políticas de saúde para o homem, que estão inseridas no contexto do pré-natal.

Assim, o objetivo desta pesquisa é abordar as percepções dos pais sobre os possíveis benefícios que a sua presença possa trazer no acompanhamento do pré-natal, com base na avaliação da importância da participação deles no pré-natal e na identificação dos fatores que influenciam positiva ou negativamente a sua presença, estabelecendo ações de enfermagem voltadas ao incentivo dessa prática.

## Materiais e métodos

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura com o objetivo de analisar as percepções do homem em relação ao pré-natal da companheira gestante. A revisão da literatura “envolve localizar, analisar, sintetizar e interpretar a investigação prévia (revistas científicas, livros, atas de congressos, resumos) relacionada com a área de estudo.” É uma análise bibliográfica mais detalhada, em relação aos trabalhos já publicados sobre o assunto em estudo<sup>9</sup>.

A primeira etapa do estudo foi constituída pela elaboração da pergunta norteadora, que determinou os estudos a serem incluídos, os meios adotados para sua identificação e quais informações seriam coletadas de cada estudo selecionado. As perguntas norteadoras elaboradas foram: como o homem/pai percebe a sua participação no pré-natal da companheira gestante? Quais políticas públicas relacionadas à saúde masculina estão incluídas no pré-natal?

A escolha da pergunta norteadora direcionou a escolha dos descritores, que foram buscados na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), na seção “DeCS”. Foram escolhidos os descritores e seu operador booleano: “Paternidade *and* Pré-natal”, “Homem *and* políticas públicas de saúde” e “Enfermagem *and* paternidade *and* pré-natal”.

A segunda etapa da pesquisa foi constituída pela busca ou amostragem dos dados na literatura, tendo como critérios a confiabilidade e a fidedignidade dos resultados. Dessa forma, de acordo com a pergunta norteadora, foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão dos estudos encontrados.

Os critérios de inclusão contemplaram publicações lançadas entre 2010 e 2017 (em língua portuguesa), além da revisão da literatura e pesquisa de campo a respeito do tema tratado. Por sua vez, os critérios de exclusão pautaram-se pelo descarte de textos incompletos ou não disponíveis; publicações anteriores ao período estabelecido e com idioma diferente do português e, por fim, trabalhos sem relação direta com o tema abordado.

Estabelecidos esses critérios, passou-se à terceira fase do estudo, a coleta de dados. Para isso, foi acessada a base de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), com aplicação dos descritores. Nessa etapa, o objetivo foi resumir as informações para formar um conjunto de dados que pudesse ser facilmente manejado, abrangendo os principais aspectos de cada artigo selecionado<sup>10</sup>.

A busca de material de pesquisa resultou em 20 artigos. O Quadro 1, a seguir, mostra como foram aplicados os critérios de inclusão e os descritores nos bancos de dados selecionados:

**Quadro 1.** Distribuição dos estudos encontrados para a Revisão da Literatura.

Descritores e Operador booleano	Total de artigos listados na primeira pesquisa	Artigos obtidos pós-filtros para leitura de títulos e resumos	Artigos selecionados para análise e revisão da literatura
Paternidade e pré-natal	179	63	16
homem e políticas públicas de saúde	485	36	01
Enfermagem e paternidade e pré-natal	29	13	03
Total de artigos que compuseram a análise, após as buscas			112
Total de artigos que foram selecionados para a revisão da literatura			20

Fonte: Os autores (2017).

Dos 112 textos analisados, 20 foram escolhidos para a revisão integrativa da literatura. Para alcançar os resultados necessários à apresentação da discussão, os textos foram analisados em seu conteúdo relacionado aos descritores selecionados, sendo separados em pastas com esse objetivo. Os dados de publicação foram conferidos com o texto da revisão da literatura para que as referências efetivamente contemplassem os aspectos éticos da autoria.

## Resultados

### DESCRIÇÃO GERAL DOS ARTIGOS SELECIONADOS

A tabela 1 descreve as informações gerais dos 20 artigos incluídos na revisão da literatura. Foram interpretados e sintetizados todos os resultados por meio de uma comparação dos dados evidenciados na análise dos artigos ao referencial teórico.

**Tabela 1.** Distribuição dos artigos de acordo com o título, autores, objetivo, método, conclusão, ano de publicação.

	Título	Autor	Objetivo	Método	Conclusão	Ano
Artigo 1	Atenção à gestante adolescente na Rede SUS: o acolhimento do parceiro no pré-natal	Costa SF, Taquette SR.	Verificar o acolhimento e a participação de parceiros de gestantes adolescentes no pré-natal da Rede SUS.	Estudo qualitativo e descritivo	Os programas de saúde sexual e reprodutiva governamentais são frágeis em relação à inclusão e incentivo à presença do homem no pré-natal.	2017
Artigo 2	A inclusão paterna durante o pré-natal	Henz GS, Medeiros CRG, Salvadori M.	Investigar a participação paterna durante o pré-natal em um Centro de Atenção à Saúde da Mulher.	Pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória	A participação paterna no período pré-natal é complexa e possui inúmeras variantes.	2017
Artigo 3	Linhas de cuidados masculinos voltados para a saúde sexual, a reprodução e a paternidade	Gomes R, Albernaz L, Ribeiro CRS, Moreira MCN, Nascimento M.	Propor princípios para os cuidados masculinos voltados para a saúde, a reprodução e a paternidade.	Estudo opinativo, com validação de especialistas	A discussão sobre a paternidade esbarra em vários limites, sendo que a área da saúde masculina carece de maior visibilidade.	2016
Artigo 4	Guia do pré-natal do parceiro para profissionais de saúde	Hermann A, Silva ML, Chakora ES, Lima DC.	Contextualizar a importância do envolvimento consciente e ativo de homens no planejamento reprodutivo.	Revisão de literatura para elaboração de um guia para profissionais de saúde	O guia orienta os profissionais, homens e suas parceiras gestantes sobre os direitos do homem no contexto da saúde reprodutiva.	2016

	<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Método</b>	<b>Conclusão</b>	<b>Ano</b>
Artigo 5	Percepção dos pais sobre a importância do pré-natal na qualidade de vida do binômio mãe e filho	Albuquerque GA, Campos LSD, Barros APP, Lima BLP, Serafim VVD, Bezerra SJB et al.	Identificar a percepção de pais sobre a importância do pré-natal na qualidade de vida do binômio mãe e filho.	Pesquisa qualitativa	Os pais atribuem importância ao pré-natal, porém estão ausentes ao mesmo tempo.	2016
Artigo 6	Percepções de gestantes acerca da atuação dos parceiros nas consultas de pré-natal	Ferreira IS, Fernandes AFC, Lô KKR, Melo TP, Gomes AMF, Andrade IS.	Compreender as percepções de gestantes acerca da atuação dos parceiros nas consultas de pré-natal.	Estudo qualitativo	As mulheres relataram sentimentos de segurança e confiança aumentados quando acompanhadas pelos parceiros nas consultas.	2016
Artigo 7	O pré-natal e o acompanhante no processo parturitivo: percepção de enfermeiros	Carvalho IS, Costa Júnior PB, Oliveira JBP, Brito RS.	Identificar a percepção de enfermeiros de uma maternidade sobre a preparação do acompanhante durante o pré-natal para a vivência do parto.	Estudo qualitativo, descritivo e exploratório	O pré-natal deve ser momento para a escuta ativa, fortalecimento de vínculos e instituição de atividades educativas para os acompanhantes.	2015
Artigo 8	Participação do pai na gestação, parto e puerpério: refletindo as interfaces da assistência de enfermagem	Ribeiro, JP, Gomes GC, Silva BT, Cardoso LS, Silva PA, Strefling ISS.	Propor ações condizentes com as necessidades do homem na construção da paternidade e na promoção da saúde familiar.	Revisão de literatura	A reflexão sobre a participação paterna desde a gestação é uma ferramenta sólida para visualizar estratégias e qualificar a prática e os cuidados de enfermagem.	2015
Artigo 9	A importância da participação paterna durante o pré-natal: percepção da gestante e do pai no Município de Cáceres - MT.	Ferreira TN, Almeida DR, Brito HM, Cabral JF, Marin HA et al.	Descrever a importância da participação paterna no acompanhamento pré-natal na visão do pai e da gestante.	Estudo quantitativo e descritivo	Os pais têm interesse em participar da gestação da parceira, mas o trabalho geralmente impede.	2014
Artigo 10	Eventos intra e extrafamiliar significativos no processo de construção da paternidade	Silva BT, Silva MRS, Bueno MEN.	Identificar os eventos intra e extrafamiliar que contribuem para o processo de construção da paternidade.	Estudo qualitativo, exploratório	É fundamental pensar na promoção do envolvimento do pai desde a assistência pré-natal e de puericultura, possibilitando sua participação.	2014
Artigo 11	O envolvimento do pai na gestação do primeiro filho	Santos SC, Kreutz CM.	Descrever de que forma o homem vivencia a gestação do seu primeiro filho e como considera seu papel durante a gestação.	Estudo qualitativo	Os pais se envolvem material e emocionalmente com a gestante e o bebê, mas enfrentam dificuldades para vivenciar a gestação.	2014
Artigo 12	O envolvimento paterno na gestação sob o olhar de gênero	Silva MMJ, Cardoso EP, Calheiros CAP, Rodrigues EOMA, Leite EPRC et al.	Identificar a participação e o envolvimento paterno na gestação, segundo o olhar da puérpera.	Estudo qualitativo, exploratório e descritivo	O interesse do pai em participar da gestação da parceira é fundamental e cada um tem uma forma de se envolver.	2013

	Título	Autor	Objetivo	Método	Conclusão	Ano
Artigo 13	Participação paterna e reação familiar frente à gravidez na adolescência	Bordignon SS, Cruz VD, Harter J, Meincke SMK, Carraro TE et al.	Avaliar a participação do pai e a reação da família parental frente ao processo gravídico-puerperal na adolescência.	Estudo quantitativo e descritivo	O envolvimento paterno precisa ser estimulado desde a gravidez, para que o processo de paternidade seja efetivado naturalmente.	2013
Artigo 14	O envolvimento do pai na gravidez/parto e a ligação emocional com o bebê	Nogueira JFDF, Ferreira M.	Verificar a relação entre as variáveis sociodemográficas, o envolvimento na gravidez ou o corte do cordão umbilical com a ligação emocional do pai com o bebê.	Estudo quantitativo, transversal e descritivo analítico	Quando o pai se envolve na gravidez e no parto a ligação emocional construída com o bebê é mais sólida.	2012
Artigo 15	O significado de ser pai na ótica de casais grávidos: limitações e facilidades	Zampieri MFM, Guessier JC, Buendgens BB, Junckes JM, Rodrigues IG.	Conhecer o significado de ser pai, os aspectos limitantes e favoráveis neste processo.	Pesquisa qualitativa, convergente-assistencial	Na medida em que o homem se envolve com a gravidez, companheira e filho, ele constrói e sedimenta o papel de pai.	2012
Artigo 16	A ausência do companheiro nas consultas de pré-natal: desafios e conquistas	Cabrita BAC, Silveira ES, Souza AC, Alves VH.	Analisar a inserção e visão do companheiro acerca da assistência pré-natal.	Estudo descritivo, com abordagem qualitativa	Muitos homens ainda acreditam que o pré-natal é só para acompanhar o desenvolvimento do feto.	2012
Artigo 17	Ser/estar pai: uma figura de identidade	Cardelli AAM, Tanaka ACA.	Repensar a identidade masculina frente à paternidade.	Estudo qualitativo, à luz da Teoria da Identidade Social	O homem não mais foge às emoções de tornar-se pai, mas ainda enfrenta estereótipos em relação à identidade masculina.	2012
Artigo 18	Pré-natal: experiências vivenciadas pelo pai	Figueiredo MGAV, Marques AC.	Identificar as experiências vivenciadas pelo pai ao acompanhar a consulta de pré-natal.	Estudo descritivo e exploratório, com uso do Discurso do Sujeito Coletivo	Os pais revelaram seus desafios para participarem do pré-natal, como compreender a gestação e as necessidades da gestante e do feto.	2011
Artigo 19	Percepções e experiências de homens relativas ao pré-natal e parto de suas parceiras	Oliva TA, Nascimento ER, Espírito Santo FR.	Analisar a participação de homens no pré-natal e parto de suas parceiras	Estudo qualitativo, exploratório e descritivo	A responsabilidade reprodutiva reflete os padrões culturais construídos socialmente que contribuem para o afastamento do homem nas questões reprodutivas.	2010
Artigo 20	A experiência de pais participantes de um grupo de educação para saúde no pré-natal	Reberte LM, Hoga LAK.	Descrever a experiência de pais que participaram em um grupo de educação para a saúde realizado na assistência pré-natal	Pesquisa-ação, de natureza exploratória	A participação ativa do pai nas atividades educativas da assistência pré-natal deve ser incentivada.	2010

Fonte: Os autores (2017).

Dos 20 artigos selecionados, 18 são de autoria de enfermeiros (90%) com titulações variadas, desde graduação até pós-doutorado. Dois são de autoria de psicólogos (10%), com a titulação de doutores. O primeiro percentual mostra que o tema desperta grande interesse de pesquisadores na área da enfermagem, principalmente para subsidiar ações de acolhimento ao parceiro durante o pré-natal, enquanto os psicólogos se preocupam com a questão da identidade paterna, em tempos de mudanças na própria identidade do homem.

O principal local escolhido para pesquisas de campo, sendo a maioria qualitativa, foi a maternidade, com 8 artigos (40%), seguida pela Unidade Básica de Saúde, com 7 artigos (35%), residência, com 2 artigos (10%), Centro de Atenção à Saúde da Mulher e Centro de Desenvolvimento Familiar, com 1 artigo cada (5%). Um artigo apresenta revisão da literatura (5%) e outro artigo é um guia elaborado por profissionais do Ministério da Saúde (5%), que coordena a Política Nacional de Saúde do Homem.

Quanto à temática, os artigos foram distribuídos da seguinte forma, tendo em conta os descritores e seus operadores booleanos: 16 artigos (80%) abordam o tema do pré-natal relacionado à paternidade; um artigo (5%) trata de políticas públicas de saúde masculina; e 3 artigos (15%) abordam a relação entre a enfermagem, a paternidade e o pré-natal.

Com base nessa temática, foram estruturadas três categorias para a análise dos artigos, que são: O ser homem diante da gestação da parceira; Percepções sobre a participação paterna no pré-natal; e Enfermagem, políticas públicas de saúde masculina e paternidade.

## Discussão

### O SER HOMEM DIANTE DA GESTAÇÃO DA PARCEIRA

Durante a maior parte da pré-história, a concepção era vista como fenômeno exclusivamente feminino. Porém, na Idade do Ferro (cerca de 1200 a.C. a 550 a.C.), o homem compreendeu a relevância de sua participação

no processo, passando a predominar o poder masculino sobre o feminino por meio da expressão de força e negação de sentimentalismos. A paternidade era o momento do homem se assumir como provedor e protetor, mas não de demonstrar afeto ou cuidar da prole. O papel do homem era complementar ao papel da mulher e baseado na objetividade. Nas duas últimas décadas, especialmente, esse papel tem sido discutido, sendo proposta uma reciprocidade entre homem e mulher em relação à procriação, dentre outros<sup>11</sup>.

Três modelos de paternidade podem ser detectados na sociedade. O primeiro é o modelo tradicional, onde o homem exerce poder e autoridade sem se envolver diretamente com os filhos. O segundo modelo é o moderno e nele o homem está relacionado aos padrões de moral e educação. Já no modelo emergente, o homem é convidado a participar ativamente de todas as atividades que digam respeito à reprodução, desde o acompanhamento da gestação até cuidar do filho após o parto. O homem contemporâneo tem sido chamado a mudar dos dois primeiros modelos para o terceiro<sup>12</sup>.

Essa mudança, no entanto, não tem sido fácil pois a paternidade é construída a partir de práticas entre pai e filho, requerendo adaptação de valores, metas e estratégias conforme o contexto sociocultural, no qual a forma como o homem se relaciona com o seu pai é fator determinante de como exercerá seu papel paterno. O que diferencia o homem da contemporaneidade é o desejo de romper com o modelo tradicional de paternidade, refletindo as mudanças que ocorreram na sociedade em relação aos papéis masculinos e femininos. Contudo, essa nova forma de paternidade rompe com as relações extrafamiliares, como amigos, colegas de trabalho, vizinhos e parentes e até mesmo com a parceira, não se configurando uma tarefa fácil<sup>13</sup>.

A chegada do primeiro filho é um momento propício para essa mudança e a construção de identidade paterna diversa da que o homem teve com o seu pai. O homem tem necessidade de se tornar pai, para se sentir completo e dar continuidade ao seu sobrenome. O nascimento do primeiro filho é quando isso se concretiza. Durante a gestação, nem todos os homens se sentem pais, especialmente aqueles que pouco se envolvem com o pré-natal<sup>14</sup>.

A evolução das pesquisas sobre o comportamento do feto, realizadas a partir dos anos 1980, mostraram que o feto interage com o pai, diferenciando o tom de voz deste e da mãe e reage de forma diversa a eles. Na fase gestacional, o homem pode iniciar a construção da identidade paterna envolvendo-se emocionalmente com conversas, afagos na barriga da parceira, nos preparativos e no apoio à gestante, vivenciando junto com ela as preocupações e ansiedades próprias dessa fase, acompanhando-a no pré-natal, desde a confirmação da gravidez até o nascimento do bebê<sup>14</sup>.

Quanto maior for o acompanhamento da gestação pelo homem, mais intensa poderá ser a sua ligação com o filho. Pais com menos de 25 anos ou mais de 40 anos envolvem-se menos afetivamente com a gestação e o bebê, enquanto aqueles com maior escolaridade envolvem-se mais e o fato de a gravidez ser planejada ou não também influencia, pois no segundo caso os pais interagem menos. A ligação é maior em relação ao primeiro filho e pode decrescer em relação aos demais. Isso possivelmente se refere ao fato de que a partir do segundo filho em diante a paternidade já está construída e o homem não mais precisa se envolver de maneira mais ativa na gestação, parto e puerpério<sup>15</sup>.

Quando o casal se considera grávido pode ser mais fácil para o homem considerar-se pai. Desde o início da gestação, o homem pode exercitar o companheirismo, cuidando da gestante e do feto. Estar presente proporciona crescimento pessoal e amadurecimento do homem e pode mudar sua perspectiva de vida, mostrando-se afetivo, solidário e próximo da intimidade, mudando hábitos e valores sociais. Essa mudança é construída aos poucos e muitos pais modernos seguem convictos de seu papel de provedores na paternidade como manifestação de virilidade, associada também à função social de reproduzir a espécie<sup>16</sup>.

Quando o homem se torna pai ainda na adolescência, a construção da identidade paterna pode ser um momento conflituoso ou não, conforme o meio familiar e social em que vive. Se o casal tem um relacionamento estável, o homem poderá assumir a paternidade de forma mais fácil e equilibrada, o que geralmente não acontece

quando a gestação é fruto apenas de uma aventura. O apoio familiar e social é essencial para a aceitação da paternidade pelo adolescente. Contudo, as famílias não discutem muito o assunto, que geralmente é associado à problemática se haverá casamento ou não e como será feito o sustento da criança, não sendo abordada a relação desse pai adolescente com sua parceira e os cuidados do filho<sup>17</sup>.

Nesse aspecto, a paternidade pode ser vista pelo adolescente apenas como encargo, mas se houver apoio familiar pode significar a oportunidade de amadurecer, desenvolver uma rede familiar de afeto e relacionar-se com o filho, em termos de afeto e cuidados. Poderá ter maior reconhecimento social, pois está demonstrando responsabilidade. Os profissionais de saúde devem apoiar as famílias, orientando não só a adolescente gestante, mas também o homem, para que acompanhe a gestação de perto e esteja presente no momento do parto e puerpério, para estreitar ainda mais as relações familiares<sup>17</sup>.

O casal pode não se decidir pelo casamento formal, mas quando vai morar junto o homem assume a paternidade, tanto como provedor quanto como companheiro, dedicando afeto e atenção ao binômio mãe e filho. Estarem sob o mesmo teto torna mais fácil a participação do homem nas questões da gestação, ainda que, por questões de trabalho nem sempre possa acompanhar o pré-natal, o que também é importante para cuidar da própria saúde, visto que muitos exames são oferecidos para o casal. O novo vai se tornando cada vez mais familiar e no momento do parto a tranquilidade é maior, já tendo o homem construído e assumido a paternidade. Assim, é importante conhecer as experiências e percepções dos homens sobre o acompanhamento do pré-natal<sup>18</sup>.

#### PERCEPÇÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO PATERNA NO PRÉ-NATAL

Os debates na Conferência do Cairo, em 1994, e na IV Conferência Mundial sobre a Mulher, em 1995, recomendaram que o homem fizesse parte nas investigações, intervenções e discussões sobre saúde sexual e reprodução. Todavia, os avanços têm sido lentos, delimitados por aspectos de



geração/idade, raça/cor e localização geográfica, que representam o contexto sociocultural. Os homens não fazem o planejamento da gestação, pois é a mulher que usa métodos contraceptivos; têm conhecimento do pré-natal, mas nem sempre sabem quais atividades são desenvolvidas, pois nem sempre participam; pensam que o pré-natal é somente para acompanhar a saúde do feto; não se sentem pais durante a gestação; nem sempre participam do parto e não se veem como sujeitos de direitos nas questões reprodutivas<sup>19</sup>.

Desde a Conferência do Cairo, a participação masculina aumentou no que diz respeito à gestação, parto e puerpério. Porém, ainda não é uma realidade geral. De acordo com a Lei nº 11.108, de 7 de abril de 2005, o homem tem o direito de presenciar o parto, mas a maioria dos serviços do SUS não permite esse acompanhamento. Isso também acontece no pré-natal, onde a presença do homem não recebe a necessária acolhida. Alguns serviços, no entanto, oferecem grupos educativos. Isso permite vivenciar de forma mais plena o papel de pai, compreender melhor os processos da gravidez e oferecer suporte à parceira, inclusive no momento do parto, além de conferir maior aproximação entre o casal e facilitar a tomada de decisões<sup>20</sup>.

Para contemplar a participação do pai no pré-natal, dentre outros objetivos, o Ministério da Saúde lançou, em 2008, a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH). Os homens cientes dessa política e participantes do pré-natal se sentem melhores por reunir conhecimento sobre a gestação, além de se conscientizarem com mais facilidade a respeito da importância do suporte a ser oferecido à parceira. Todavia, empecilhos como dificuldade para obter dispensa do trabalho; distância em relação à UBS; não ter com quem deixar os outros filhos; e compreender o que se passa nos processos gestacionais constituem resistências ao processo. Tanto os benefícios como as dificuldades para a participação ativa do homem devem servir como incentivo para o sistema público de saúde incluí-los ainda mais no pré-natal, parto e puerpério<sup>21</sup>.

Relatos de gestantes e puérperas confirmam tanto os benefícios como as dificuldades da participação masculina no pré-natal. A principal justificativa para não participar é o trabalho,

visto que a gestação atribui ao homem maior responsabilidade como provedor. Contudo, muitos não participam por acharem desnecessário; por não gostarem do ambiente das consultas; por decisão da parceira; e também por falta de acolhimento nos serviços de saúde. Os homens que se interessam e participam ativamente do pré-natal tendem a ser mais carinhosos; ajudam nos afazeres domésticos; cuidam mais dos outros filhos e também do bebê, após o nascimento, além de se preocuparem com a própria saúde. As gestantes se sentem bem quando o seu parceiro se envolve com a gestação e todos os seus processos, preparando-se para um novo modelo de paternidade<sup>22</sup>.

O pai pode se envolver na gestação de três formas diferentes: da suspeita até a confirmação da gravidez, o impacto inicial, com sentimentos de desconforto, estresse e ambivalência; na segunda fase, ainda sem muitos sinais físicos, o homem se distancia emocionalmente; e na terceira fase a vivência da paternidade, frente à expectativa do nascimento, passa a ser maior. Por isso, é importante que o homem participe dos grupos educativos que porventura sejam organizados durante o pré-natal para que possa vir a se expressar, pois muitas vezes seus sentimentos são contraditórios, mistura de alegria, satisfação e orgulho com insegurança, dúvidas e angústias em relação ao seu novo papel<sup>23, 24</sup>.

Esse novo papel implica envolvimento do homem com o filho desde a concepção. O vínculo a ser estabelecido ocorre em três dimensões do comportamento: acessibilidade, engajamento e responsabilidade. O novo pai precisa estar disponível para o novo filho, em termos de cuidados, lazer e brincadeiras, garantindo-lhe os recursos necessários ao bem-estar. Esse vínculo pode sofrer mudanças conforme a criança cresce e se desenvolve, podendo até causar conflitos, não só as demais pessoas da família, mas também internamente, quando o homem confronta a maneira como foi criado com a forma que deseja criar o seu filho<sup>12</sup>.

Mesmo quando já tem filhos o homem manifesta ansiedade diante de nova gestação da parceira. Casais com melhor situação econômica ficam menos ansiosos com o nascimento do filho, mas sempre existem desafios e mudanças a serem enfrentados. Em especial os que decorrem de

heranças familiares, medos e fantasias e também a respeito do novo papel do pai na sociedade da contemporaneidade. As rotinas familiares se alteram e o casal precisa se adaptar a elas sem deixar de lado as obrigações do trabalho ou com os demais filhos, além da assistência mútua. Essa adaptação pode fortalecer muito os vínculos entre o casal com os demais filhos e também com os familiares<sup>12</sup>.

O novo pai pode apresentar sentimento de perda, principalmente quando não houve planejamento da gestação e o casal ainda não assumiu uma relação matrimonial. A sensação masculina é de perda de liberdade, prazer sexual e privacidade, além da preocupação com sua renda para providenciar os gastos com a educação da criança. Muitos homens acreditam que existe um momento certo para ser pai, que depende das finanças e do amadurecimento. Mas existem outros que acreditam ser a condição de pai inerente ao homem, ou seja, não precisa ocorrer em um momento específico por depender, em grande medida, das motivações que traz da infância e ainda dos sonhos e desejos do casal<sup>11</sup>.

É importante a interação havida entre o homem com o próprio pai para a construção de sua identidade paterna. Ele pode se aconselhar com o pai, tirar dúvidas e diminuir a ansiedade. Nesse aspecto, experiências significativas com o pai ajudam no cuidado com os filhos, ainda que o modelo do genitor tenha sido o tradicional. O novo pai procura preservar as boas experiências e evoluir para modelos novos de paternidade, se envolvendo mais com os filhos afetivamente e também com a parceira ao acompanhá-la na gestação, parto e puerpério. A presença das avós também ajuda o novo pai a vencer seus medos e ansiedades, preparando-o para cuidar do bebê. Filhos mais velhos que cuidaram de irmãos mais novos também tendem a ser mais participativos como pais<sup>13</sup>.

Ter mais irmãos também é relevante para o compartilhamento de experiências, apoio, informações, preocupações e dúvidas. No próprio processo de cuidar, o homem aprende a ser pai. E quando os filhos crescem e começam a agregar os valores e princípios familiares, ele sente que agiu adequadamente. Nesse aspecto, os cuidados com o primeiro filho servem de aprendizado para

os demais e também para lidar com as gestações posteriores. Dessa forma, as experiências com familiares, amigos e vizinhos ajudam o homem a construir sua identidade como pai. Falta interagir com os profissionais de saúde<sup>13</sup>.

#### ENFERMAGEM, POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE MASCULINA E PATERNIDADE

O pai que se sente grávido junto com a parceira começa a se preocupar mais com a própria saúde para poder viver com o filho por muito tempo, principalmente se já passou dos 40 anos. É nesse momento que o homem precisa ser incluído no pré-natal, mas isso depende de entendimento das políticas públicas de saúde pelos profissionais do setor. Os pais relatam barreiras como: desinteresse em sua participação, por parte dos profissionais das UBS; descontinuidade nessa participação; poucas atividades educativas em grupo; não divulgação dessas atividades, quando são feitas, na comunidade, além de despreparo dos profissionais de saúde para o acolhimento do homem<sup>16</sup>.

A gestação e o pré-natal não costumam ser reconhecidos como momentos de participação masculina, visto que a assistência tradicionalmente é destinada à mulher e ao feto. O homem estar presente é importante para validar um atendimento de qualidade. Profissionais pouco solícitos desestimulam os homens a participarem do pré-natal e no parto, razão pela qual muitas vezes são simplesmente excluídos. A porta de entrada do sistema, as UBS, precisam criar rotinas e condições para envolver o homem nos processos gestacionais, incluindo integração da rede para que o hospital responsável pelo parto seja conhecido com antecedência e o casal não fique à procura de vaga, já com as contrações em andamento<sup>25</sup>.

Quando são feitas atividades em grupo, os enfermeiros percebem benefícios para a relação do casal. Diminui a violência doméstica, aumenta os cuidados com o bebê, humaniza-se o atendimento com oportunidades dadas ao homem para tratar de sua saúde por meio da adesão aos exames anteriores ao parto, bem como para prevenir e detectar doenças como AIDS, sífilis e hepatites virais. No entanto, a alegação de falta de horário, por causa do trabalho, leva muitos homens a não comparecerem para realizar os testes, mesmo quando são rápidos. Os enfermeiros se queixam

de que as próprias gestantes não convidam seus parceiros para participarem de atividades relacionadas à gestação<sup>12</sup>.

A maioria dos homens desconhece os seus direitos à participação no pré-natal numa perspectiva de atenção integral à saúde proposta pelo SUS. Cabe ao enfermeiro informar à gestante sobre esse direito, para que possam convidar e terem os seus parceiros ao lado durante o pré-natal. Entretanto, ainda existe muito preconceito, baseado no modelo hegemônico de gênero, para que o homem também se torne protagonista na gestação do filho. A relevância da presença do pai, em termos psíquicos, afetivos e de cuidados, não está sendo reconhecida na base do sistema público de saúde, ainda que o Ministério da Saúde a recomende, por meio de políticas<sup>26</sup>.

Os enfermeiros obstétricos compreendem o papel do homem no acompanhamento do pré-natal como forma de se prepararem para o parto com os conhecimentos adequados. O homem, enquanto acompanhante da gestante, deve ser acolhido e receber as orientações necessárias, em linguagem clara e acessível, para participar ativamente de todas as etapas do pré-natal, parto e puerpério. Deve ser oferecida escuta ativa aos questionamentos do homem, principalmente nos grupos educativos, refletindo e disseminando conhecimentos para evitar a redução de seu papel à de mero espectador das atividades relativas ao pré-natal. A equipe responsável pelo parto deve acolher o parceiro, de forma que os conhecimentos adquiridos deem suporte à parceira para que esta também venha a reconhecer os direitos do homem diante da paternidade<sup>27</sup>.

A família precisa de assistência durante o pré-natal, pois não é somente a mulher que tem anseios e dúvidas. Contudo, o homem possui demandas diferentes que também precisam ser atendidas. O Ministério da Saúde incentiva a participação masculina desde o planejamento reprodutivo, enquanto parte dos direitos reprodutivos até o cuidado com a própria saúde. É o que está proposto na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH). Mas é preciso torna-la efetiva entre os homens e os profissionais de saúde por meio de ações a serem desenvolvidas durante o pré-natal<sup>8</sup>.

Para que essa política possa ser efetivada, alguns princípios precisam ser seguidos pelo sistema público de saúde. Os profissionais de saúde precisam não só acolher o homem, mas também se qualificarem com conhecimentos sobre as relações que envolvem as famílias na atualidade. Isso inclui os anseios masculinos diante de novas possibilidades identitárias como pai, especialmente no momento do pré-natal, em que a saúde do homem está relacionada com as condições da mulher e do feto<sup>8</sup>.

Os profissionais de saúde necessitam dialogar com a gestante a respeito da participação do companheiro no pré-natal, bem como proporcionar-lhe acolhimento adequado sempre que estiver presente. Uma linha de cuidados envolvendo também a saúde masculina deve ser elaborada para possibilitar ao casal assimilar a importância da realização de exames, testes rápidos e vacinação, não apenas para eles mas também para o bebê, após o nascimento deste, acompanhando os resultados e os encaminhando ao médico para avaliação. A equipe deve oferecer ao homem a possibilidade de participar do parto e aguardar que ele exerça ou não esse direito. Assim, a prevenção e a promoção da saúde serão direcionadas para toda a família<sup>28</sup>.

Configuram direitos legais do homem, enquanto pai: cinco dias de licença paternidade no trabalho (alguns Estados estenderam essa licença para até 30 dias). A equipe de saúde também deve informar ao casal a importância relativa ao acompanhamento masculino em todos os processos gestacionais, de parto e puerpério. O nome do homem deve constar na identificação do neonato, não devendo este ser visto como visita para a mãe e o bebê, mas sim como protagonista da família e incentivado a permanecer com eles constantemente. Pais adolescentes devem ser informados sobre o registro civil de nascimento dos filhos. Todos os homens que participam do ciclo gravídico puerperal devem receber esclarecimentos para incentivar a amamentação exclusiva e como ajudar sua parceira nos cuidados com o bebê<sup>29</sup>.

A Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro elaborou algumas recomendações para a criação da Unidade de Saúde Parceira do pai: preparar a equipe com os conhecimentos

adequados; incluir os pais nas rotinas da Unidade, principalmente pré-natal, parto e pós-parto; incluir o pai na enfermagem; promover atividades educativas para os homens pais; acolher o pai; preparar o ambiente; dar visibilidade ao tema dos cuidados paternos; criar horários alternativos para o atendimento do homem ou do casal e fortalecer a rede de apoio social<sup>29</sup>.

Após a realização de exames e testes rápidos, o pai deve ser encaminhado para tratamento caso seus exames venham a acusar resultados positivos para alguma doença. Deve receber aconselhamento e atenção integral, incluindo a atualização de vacinas junto com a parceira. O homem deve ser incentivado a ter hábitos saudáveis e estendê-los à sua família para desfrutarem de boa qualidade de vida. A Atenção Básica deve ser a porta de entrada para acolher o homem nos serviços públicos de saúde, facilitando o acesso e promovendo a integralidade e universalidade no atendimento da família, desde a gestação até o cuidado com os filhos<sup>29</sup>.

## Conclusão

A identidade paterna é mais difícil de construir do que a materna porque o homem não vivencia no seu próprio corpo os processos gestacionais. No entanto, pode acompanhá-la participando das consultas de pré-natal. Mas não é o que acontece na prática, visto que poucos homens procedem assim. Alguns motivos foram revelados na pesquisa, como dificuldades para conseguir dispensa no trabalho, falta de convite da parceira para participar do pré-natal, constrangimento diante das consultas e até mesmo desinteresse.

A importância da participação do homem no pré-natal se refere a sua saúde. É o momento para fazer testes rápidos na atenção primária e verificar se possuem alguma doença, buscando, na sequência, o tratamento. Doenças como a sífilis, detectada na gestante, só são curadas completamente se o parceiro também for tratado. Se o homem não comparece para fazer os exames, a contaminação persiste na mulher com sérias consequências para o bebê.

Para que a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH) seja colocada em prática, os profissionais de saúde precisam acolher o homem enquanto parceiro da gestante. Isso nem sempre acontece, como a literatura mostrou, com o mesmo ocorrendo em relação ao parto e puerpério. A atenção primária precisa, dessa forma, elaborar medidas de acolhimento para que o homem não se sinta constrangido em participar, de modo a conscientizá-lo da importância do processo para a sua própria saúde, bem como para a construção de uma paternidade responsável.

## Referências

1. Camillo BS, Nietsche EA, Salbego C, Cassenote LG, Dal Osto DS, Böck A. Ações de educação em saúde na Atenção Primária a gestantes e puérperas: revisão integrativa. *Rev enferm UFPE*, 2016;10(Supl. 6):4894-901.
2. Santos SC, Kreutz, CM. O envolvimento do pai na gestação do primeiro filho. *Rev Pensando Famílias*, 2014;18(2):62-76.
3. Ruivo PVA. Representações sociais de pais adolescentes acerca do ser pai na adolescência [dissertação]. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2010.
4. Ministério da Saúde (BR). Guia do Pré-Natal do Parceiro para Profissionais de Saúde. Rio de Janeiro: MS/CNSH; 2015.
5. Nogueira JRDF, Ferreira M. O envolvimento do pai na gravidez/parto e a ligação emocional com o bebê. *Rev Enferm Referência*, 2012;3(8):57-66.
6. Ferreira IS, Fernandes AFC, Lô KKR, Melo TP, Gomes AMF, Andrade IS. Perceptions of pregnant women about the role of partners in prenatal consultations. *Rev Rene*, 2016;17(3):318-23.
7. Oliveira JPF, Barbosa RVE, Gottens LBD. A participação e as expectativas do homem na gestação e a sua adesão no pré-natal: em busca de evidências [artigo na internet]. Brasília: UCB; 2012.
8. Ribeiro, JP, Gomes GC, Silva BT, Cardoso LS, Silva PA, Strefling ISS. Participação do pai na gestação, parto e puerpério: refletindo as interfaces da assistência de enfermagem. *Rev Espaço para a Saúde*, 2015;16(3):73-82.
9. Bento AV. Como fazer uma revisão da literatura: considerações teóricas e práticas. *Rev JA* 2012; 7(65):42-44.

10. Mendes KDS, Silveira RCCP, Galvão CM. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Rev Texto Contexto Enferm* 2008;17(4):758-64.
11. Cardelli AAM, Tanaka ACA. Ser/estar pai: uma figura de identidade. *Cienc Cuid Saude* 2012;11(suplem.):251-58.
12. Henz GS, Medeiros CRG, Salvadori M. A inclusão paterna durante o pré-natal. *Rev Enferm Atenção Saúde* 2017;6(1):52-66.
13. Silva BT, Silva MRS, Bueno MEN. Eventos intra e extrafamiliar significativos no processo de construção da paternidade. *Rev. Esc Anna Nery Enferm* 2014;18(4):710-15.
14. Santos SC, Kreutz CM. O envolvimento do pai na gestação do primeiro filho. *Pensando fam* 2014;18(2):62-76.
15. Nogueira JFDF, Ferreira M. O envolvimento do pai na gravidez/parto e a ligação emocional com o bebê. *Rev Enf Ref* 2012;3(8):57-66.
16. Zampieri MFM, Guesser JC, Buendgens BB, Junckes JM, Rodrigues IG. O significado de ser pai na ótica de casais grávidos: limitações e facilidades. *Rev Eletr Enf* 2012;14(3):483-93.
17. Bordignon SS, Cruz VD, Harter J, Meincke SMK, Carraro TE, Collet N. Participação paterna e reação familiar frente à gravidez na adolescência. *Rev enferm UFPE* 2013;7(6):4459-65.
17. Albuquerque GA, Campos LSD, Barros APP, Lima BLP, Serafim VVD, Bezerra SJB et al. Percepção dos pais sobre a importância do pré-natal na qualidade de vida do binômio mãe e filho. *Convibra - V Congresso Online - Gestão, Educação e Promoção da Saúde*, 16-19 nov. 2016
18. Oliva TA, Nascimento ER, Espírito Santo FR. Percepções e experiências de homens relativas ao pré-natal e parto de suas parceiras. *Rev Enferm* 2010;18(3):435-40.
19. Reberte LM, Hoga LAK. A experiência de pais participantes de um grupo de educação para saúde no pré-natal. *Ciencia y Enfermería* 2010;15(1):105-14.
20. Figueiredo MGAV, Marques AC. Pré-natal: experiências vivenciadas pelo pai. *Cogitare Enferm* 2011;16(4):708-13.
21. Silva MMJ, Cardoso EP, Calheiros CAP, Rodrigues EOMA, Leite EPRC, Rocha LCD. O envolvimento paterno na gestação sob o olhar de gênero. *J Nurs UFPE* 2013;7(5):1376-81.
23. Ferreira TN, Almeida DR, Brito HM, Cabral JF, Marin HA, Campos FMC et al. A importância da participação paterna durante o pré-natal: percepção da gestante e do pai no município de Cáceres-MT. *Rev Elet Gestão & Saúde* 2014; 5(2):337-45.
22. 24. Ferreira IS, Fernandes AFC, Lô KKR, Melo TP, Gomes AMF, Andrade IS. Percepções de gestantes acerca da atuação dos parceiros nas consultas de pré-natal. *Rev Rene* 2016;17(3):318-23.
23. 25. Cabrita BAC, Silveira ES, Souza AC, Alves VH. A ausência do companheiro nas consultas de pré-natal: desafios e conquistas. *Rev Pesq Fundam Online* 2012;4(3):2645-54.
26. Costa SF, Taquette SR. Atenção à gestante adolescente na Rede SUS - o acolhimento do parceiro no pré-natal. *Rev Enferm UFPE* 2017;11(Supl. 5):2067-74.
24. 27. Carvalho IS, Costa Júnior PB, Oliveira JBP, Brito RS. O pré-natal e o acompanhante no processo parturitivo: percepção de enfermeiros. *Rev Bras Pesq Saúde* 2015;17(2):70-7.
25. 28. Gomes R, Albernaz L, Ribeiro CRS, Moreira MCN, Nascimento M. Linhas de cuidados masculinos voltados para a saúde sexual, a reprodução e a paternidade. *Cienc & Saúde Colet* 2016;21(5):1545-52.
26. 29. Hermann A, Silva ML, Chakora ES, Lima DC. Guia do pré-natal do parceiro para profissionais de saúde. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde; 2016.

---

### Como citar este artigo:

Balica LO, Aguiar RS. Percepções paternas no acompanhamento do pré-natal. *Rev. Aten. Saúde*. 2019; 17(61): 114-126.